



## De jornalista à personagem - a inserção do repórter no relato da história, em “Chico Mendes: crime e castigo”<sup>1</sup>

Priscila Natividade Dias Santos OLIVEIRA<sup>2</sup>

Faculdades Jorge Amado, Salvador, Ba<sup>3</sup>

### RESUMO

Contar a o que acontece, através de uma observação participante. Estamos falando de quando o repórter passa a ser alguém que conjuga o tecido da reportagem e é também um elemento de fundamental importância para que esta possa reviver os acontecimentos através da escrita. É justamente esta premissa que define a proposta do presente artigo, que busca observar de que maneira o repórter se insere história, tanto enquanto narrador, como também personagem. A análise contempla a observação participante do jornalista, no livro-reportagem “Chico Mendes: Crime e Castigo”, de Zuenir Ventura. O estudo procura assim, alcançar esse momento em que o jornalista passa a vivenciar a pauta junto com a história que conta.

**PALAVRAS-CHAVE:** literatura; jornalismo; livro-reportagem

A relação entre o jornalismo e a literatura está cada vez mais estreita, ao facilitar o envolvimento dos leitores com o processo de encontro com a história e o fato reportado. As técnicas de narração, presentes no interior do campo literário podem ressaltar, ilustrar e fortalecer o texto jornalístico, assim como, técnicas do jornalismo tem subsidiado cada vez mais a própria literatura.

As possibilidades literárias unidas à veracidade temática abrem espaço para uma reportagem mais atraente, profunda, dinâmica aos olhos do leitor, sem deixar de lado os princípios que regem o fazer jornalístico ou credibilizam sua prática. No livro-reportagem, fatos se transformam em histórias. Desse modo, pensar na relação que permeia o hibridismo entre jornalismo e literatura e de

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Sessão Jornalismo e Editoração, da Altercom – Jornada de Inovações Midiáticas e Alternativas Experimentais, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

O presente artigo traz um esboço dos resultados da Monografia de Conclusão de curso intitulada “De jornalista à personagem: A inserção do repórter no relato da história. Uma análise das obras ‘Chico Mendes: Crime Castigo’ e ‘Dias de Ira’”, submetida ao curso de Pós-Graduação em Jornalismo Contemporâneo, das Faculdades Jorge Amado, em fevereiro de 2008, sob orientação da prof. Dr. Leandro Colling.

É importante ainda ressaltar, que optou-se por desenvolver nesse artigo, apenas os resultados da análise de um dos recortes da pesquisa original, visto a profundidade do estudo, diante do formato exigido para a apresentação de trabalhos no evento em questão.

<sup>2</sup> Bacharel em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo, pela Faculdade Social da Bahia e Pós-Graduada em Jornalismo Contemporâneo pelas Faculdades Jorge Amado. Endereço eletrônico: [priscila\\_nativa@yahoo.com.br](mailto:priscila_nativa@yahoo.com.br). São co-autores deste trabalho, os especialistas e colegas de curso, Eder Luis Santana e João Vicente dos Santos.



que maneira, o jornalista interage com esse encontro, suscita a curiosidade conflagrada por tal polêmica, que se manifesta na relação tênue e intensa entre o fazer jornalístico e o literário. Desbravar as características inovadoras deste tipo de obra e o momento que o repórter decide ser personagem, como um alguém ávido em participar da história, é a idéia principal que sustenta a pesquisa, ao colocar em prática o estudo desta proposta.

Será assim analisada a obra “Chico Mendes: Crime e Castigo”, de Zuenir Ventura. A morte do seringueiro e ambientalista Chico Mendes e o julgamento dos culpados pelo assassinato de um personagem que acabou se tornando símbolo, na luta pelos direitos dos povos que vivem na Floresta Amazônica, é o que determina toda a trama da história, contada em forma de livro-reportagem por um jornalista, que acompanhou de perto o processo de apuração e desencadeamento dos fatos. Em meio à Floresta Amazônica, os ideais políticos e ambientalistas do herói dos Povos da Floresta, os culpados e envolvidos na morte de Chico se somam ainda à participação intensa de um jornalista que, até então, “só conhecia o Acre no mapa”, como o mesmo afirma.

Diante desse contexto, a construção do relato insere o repórter em mais um capítulo dessa narrativa de amor, ódio, aventura e ousadia, que demarca a convivência entre o jornalismo e a literatura. Seja ele mocinho, testemunha, coadjuvante ou narrador, o jornalista também faz parte dessa história.

### **1. Reportagem em forma de romance: o gênero híbrido no livro-reportagem**

No livro-reportagem o fato ganha uma dimensão intensa e ampliada, através de um suporte que transforma o que antes era notícia em uma grande história de livro. O “quem” vira personagem; “onde” dá lugar ao ambiente; “o quê” agora é enredo; o “como” pode conduzir ao clímax; “quando” é mais uma peça do quebra-cabeça narrativo; já o “porque” é o que incita a curiosidade do jornalista, em mergulhar na reportagem e seguir junto com a história que conta. A modalidade mistura os processos de captação da notícia com a estrutura narrativa, que seduz o leitor e o transporta para o universo da história que ali é contada. De acordo com Edvaldo Pereira Lima (2004), o livro-reportagem

é um veículo de comunicação impressa não-periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalística periódicos. Esse “grau de amplitude superior” pode ser entendido no sentido de maior ênfase no tratamento ao tema focalizado – quando comparado ao jornal, à revista ou aos meios eletrônicos -, quer no aspecto extensivo, de horizontalização do relato, quer

no aspecto intensivo de aprofundamento, seja quanto à combinação desses dois fatores<sup>4</sup>.

Um veículo híbrido que soma à reportagem características que costumam compor um romance, sob uma condição verossímil e fincada na realidade contemporânea. A informação noticiosa ganha perenidade, investigação, abrangência e completude. Eduardo Belo (2006), na obra *Livro-Reportagem* acrescenta, ao conceito de Edvaldo Pereira Lima, a idéia deste tipo de prática funcionar como uma alternativa aos ditames clássicos da atividade jornalística, como as alegações dos veículos por falta de tempo, dinheiro e equipe para investir numa apuração mais profunda. Um espaço também destinado à experimentação e à superação de barreiras do imediato e superficial, já que exige densidade, análise e conteúdo:

Livro-reportagem é, então, um tipo diferente de jornalismo? A reportagem em livro tem claras diferenças em relação ao modelo praticado hoje pela mídia da imprensa brasileira. (...) É possível dizer que livro-reportagem é um instrumento aperiódico de difusão de informações de caráter jornalístico. Por suas características não substitui nenhum meio de comunicação, mas serve como complemento a todos.

É um veículo no qual se pode reunir a maior massa de informação organizada e contextualizada sobre um assunto e representa, também, a mídia mais rica – com exceção possível do documentário audiovisual – em possibilidades para experimentação, uso da técnica jornalística, aprofundamento da abordagem e construção da narrativa<sup>5</sup>.

O livro-reportagem seria, desse modo, demarcado pela veracidade carregada na notícia e no processo de apuração jornalística, que se une à narrativa. Uma produção híbrida e dialógica, que situa o leitor em ocorrências sociais, episódios factuais, acontecimentos, situações e figuras humanas. Para isso, o jornalista escritor conta com uma infinidade de procedimentos de liberdade e extensão que vão do jornalismo até a literatura.

“Porém, como pode um jornalista, escrevendo não-ficção, penetrar acuradamente em pensamentos de outra pessoa?”<sup>6</sup>. A dimensão estética da reportagem encontrou na ousadia jornalística de Tom Wolfe um modo de enxergar literatura em um texto produzido no meio impresso, logo no início da década de 60, com o *New Journalism*, a fim de “excitar tanto intelectual, como emocionalmente o leitor”<sup>7</sup>. A corrente prega a necessidade do jornalista imergir no universo da fonte, a fim de conseguir absorver a maior quantidade possível de informações. Além disso, o ato

---

<sup>4</sup> (LIMA, 2004, p.26)

<sup>5</sup> (BELO, 2006, p.41)

<sup>6</sup> (WOLFE, 2005, p.55)

<sup>7</sup> (WOLFE, 2005, p.28)



de escrever sobre esses personagens requer a observação de seus costumes e trejeitos. Uma forma de tornar o ser humano real o mais próximo possível do seu verdadeiro “eu” depois que for colocado no papel.

“Narrador bebe” à parte, Wolfe (2005) chegou para radicalizar os paradigmas do jornalismo dito “quente”, com histórias que eram tidas como “frias” mas, na verdade, borbulhavam criatividade e as vertentes do “tal” Novo Jornalismo. O jeito de fazer reportagem ganha quatro recursos com vistas de transformar o fato jornalístico em algo que realmente envolvesse, absorvesse e fascinasse. A construção cena-a-cena, a reprodução do diálogo da personagem, o ponto de vista da terceira pessoa por meio do fluxo de consciência e o registro de gestos, hábitos, maneiras e estilos, nos mínimos detalhes, era o que fazia o leitor e, até mesmo o próprio jornalista, submergir dentro do livro e da realidade que ele trazia. “Daí a sensação única quando a gente se sente ‘absorvido’ por um livro ou se ‘perde’ dentro dele”<sup>8</sup>.

Começamos, então, pela construção cena-a-cena. O ambiente dava o tom da localização da história, situando o leitor no seu contexto, ao estabelecer um trajeto narrativo, não necessariamente linear, mas que, no fim das contas, se encaixa perfeitamente como peças de um quebra-cabeça. “O básico era a construção cena-a-cena, contar a história passando de cena para cena recorrendo o mínimo possível à mera narrativa histórica”<sup>9</sup>.

Em seguida, vem a reprodução do diálogo dos personagens, registrando a conversa completa, a fim de testemunhar o fato, as cenas de vida das pessoas, bem no momento em que elas ocorrem: “o diálogo realista envolve o leitor mais completamente do que qualquer outro recurso. Ele também estabelece e define o personagem mais depressa e com mais eficiência”<sup>10</sup>.

O terceiro recurso possibilita adentrar a mente do personagem e também de quem conta a história, a partir do fluxo de consciência, que intermedia o ponto de vista na terceira pessoa. Sem dúvida, umas das técnicas favoritas de Wolfe, “entrando diretamente na cabeça de um personagem, experimentando o mundo através do seu sistema nervoso central”<sup>11</sup>.

As coisas mais importantes que se tentava em termos de técnica dependiam de uma profundidade de informação que nunca havia sido exigida no trabalho jornalístico. Só através das formas mais investigativas de reportagem era possível, na não-ficção, usar cenas inteiras, diálogo extenso, ponto de vista e monólogo interior. Por fim, eu e os outros seríamos acusados de “entrar na cabeça das pessoas”... Mas exatamente! Entendi que essa era mais uma porta em que o repórter tinha de bater<sup>12</sup>.

---

<sup>8</sup> (WOLFE, 2005, p.79)

<sup>9</sup> (WOLFE, 2005, p.53)

<sup>10</sup> (WOLFE, 2005, p.54)

<sup>11</sup> (WOLFE, 2005, p.35)

<sup>12</sup> (WOLFE, 2005, p.38)



Por fim, o recurso que, segundo Tom Wolfe (2005), era o “menos entendido”. O registro mais que detalhado do simbolismo que compõe a cena, caracteriza o personagem e conduz a narrativa, desde o cheiro que exala do ambiente, até a mosca imperceptível que sobrevoa o céu. Afinal, tudo cabe dentro da história:

O registro desses detalhes não é mero bordado em prosa. Ele se coloca junto ao centro de poder do realismo, assim como qualquer outro recurso de literatura (...) que dispara as lembranças que o leitor possui de seu próprio status de vida, de suas ambições, inseguranças, prazeres, desastres, mais as mil e uma pequenas humilhações e coups do status na vida cotidiana, e dispara essas coisas com insistência até criar uma atmosfera tão rica e envolvente (...) <sup>13</sup>.

É com base nesses recursos utilizados por Tom Wolfe e as características do *New Journalism* que Edvaldo Pereira Lima vai propor o que ele denomina “procedimentos de liberdade e extensão”, a partir da confluência entre o fazer jornalístico e a estrutura ficcional literária. Temos, desse modo, a extensão pela pauta, a complementação pela captação e a fruição pelo texto.

Na extensão pela pauta, o jornalista amplia a visão de mundo e o sentido de contemporaneidade, maximizando o fundamento da cobertura da realidade e não apenas de um fato específico, momentâneo. A contemporaneidade é o que permeia a predisposição da pauta, assim como os aspectos da sociedade constituem a relevância da narrativa sem, necessariamente, estar preso à temporalidade do episódio. Ou seja, o que acontece hoje pode ser uma notícia tão contundente quanto a que aconteceu ontem.

Tal extensão, ainda segundo Lima (2004), se deve “a uma série de liberdades de que desfruta o planejamento de pauta do livro, quando comparado à produção do jornalismo cotidiano” <sup>14</sup>. O conjunto de liberdades pode ser alinhado no campo temático, de angulação, fontes, eixo de abordagem, temporal e propósito.

A escolha do tema, a definição do melhor ângulo e direcionamento da informação noticiosa, junto com a liberdade na escolha de fontes que irão construir os personagens, o tempo em que se passa a história, eixo de abordagem e o propósito ao se narrar determinado fato, constituem a dimensão que a pauta concede, ao permitir uma amplitude estimuladora. “Com essa flexibilidade, mas mantendo sua fidelidade essencial às características básicas do jornalismo, o livro estende a função comunicativa deste” <sup>15</sup>.

---

<sup>13</sup> (WOLFE, 2005, p.55-56)

<sup>14</sup> (LIMA, 2004, p.82)

<sup>15</sup> (LIMA, 2004, p.82)

O próximo procedimento está na complementação pela captação. Como uma prática essencialmente jornalística, a investigação permeia todo processo de captação e construção do relato no jornalismo. A pesquisa se aprofunda e serve de estímulo vital na busca por informações concretas. Aí temos a entrevista, observação participante, histórias de vida, o resgate da memória, acesso à documentação e uma visão pluridimensional e simultânea para direcionar o enfoque, na percepção de uma abordagem de alcance e visão integral. Possibilidades que conduzem o livro-reportagem à “missão de cravar um círculo mais largo, profundo, na leitura da cativante e complexa realidade que é o mundo contemporâneo”<sup>16</sup>.

No mesmo ritmo do texto jornalístico-literário, o terceiro procedimento de extensão está na fruição pelo texto, através das diversas maneiras de concebê-lo, seja pela narração, exposição, descrição e diálogo, ou por um trânsito articulado entre todas essas estruturas, ao alcançar o acontecimento enquanto história.

Aqui, a renovação estilística, aplicação das funções da linguagem, técnicas de angulação e edição, mais os pontos de vista no foco narrativo, traduzem esse sentido de qualidade revigorante ao texto jornalístico, já que “a narrativa de melhor qualidade jornalística beira à arte, assume alguns dos nobres ideais de que esta pode revestir-se”<sup>17</sup>. Sistemáticamente, jornalista, leitor e história fluem com espontaneidade, pela forma que se combina, ordena e distribui os elementos do relato e se determina essa interação frutiva.

Isso quer dizer que o autor, numa dimensão mais abstrata, sutil, deve penetrar no universo dos símbolos comuns – comuns entre ele, a obra e o leitor – que possibilitam o contato e a atração. (...) Isto é, o livro-reportagem sugere que o indivíduo se estenda, percebendo desdobramentos de aspectos do seu universo particular transmutados no universo coletivo. É também uma proposta de autodescoberta do Eu naquilo que tem de porção coletiva do Nós<sup>18</sup>.

“Combinar recursos com habilidade” (LIMA, 2005, p.147) ou, como diria Tom Wolfe, quanto à utilização das técnicas e processos de extensão: “pegue, use, improvise”<sup>19</sup>. Fazer jornalismo com cara e jeito de literatura configura uma prática voltada para uma infinidade de alternativas que podem conduzir o jornalismo, a uma condição mais instigante, sedutora e contextualizada dos fatos. Extensão e liberdade que atija todo jornalista preso na rotina produtiva e no bombardeamento constante de informações:

---

<sup>16</sup> (LIMA, 2004, p.134)

<sup>17</sup> (LIMA, 2004, p.138)

<sup>18</sup> (LIMA, 2004, p.144)

<sup>19</sup> (WOLFE, 2005, p.57)

Sob esse raciocínio é fácil compreender que o livro-reportagem agora, como no passado, é muitas vezes fruto da inquietude do jornalista que tem algo a dizer, com profundidade, e não encontra espaço para fazê-lo no seu âmbito regular de trabalho, na imprensa cotidiana. Ou é fruto disso e (ou) de uma outra inquietude: a de procurar realizar um trabalho que lhe permita utilizar todo o seu potencial de construtor de narrativas da realidade<sup>20</sup>.

A reportagem em forma de livro faz com que o jornalista participe diretamente da narrativa. Com tanta liberdade que o livro-reportagem propaga, visto o papel dos procedimentos de extensão e as características deste tipo de obra, relatar com uma certa neutralidade ficou mesmo nas redações de jornal, como será visto no item a seguir. É nesse ponto, que o jornalista entra de vez na história.

## **2. Crime e castigo – o repórter imerge no universo da história do herói dos povos da floresta**

“Uma longa história”. É assim que o jornalista e escritor Zuenir Ventura denomina, logo na introdução de “Chico Mendes: crime e castigo”, o caminho percorrido pelo conjunto de reportagens que escrevera sobre a vida, assassinato e julgamento da morte de Chico Mendes. Na relação com os personagens, convivência no mesmo tempo e espaço, em movimentação contínua com o enredo, “Crime e castigo” segue em busca respostas, quanto aos motivos que levaram ao assassinato de Chico Mendes.

O livro está dividido em três partes: “O crime”, que corresponde à primeira viagem que Zuenir realizou ao Acre, em 1989, logo após a morte de Mendes; “O castigo”, que retrata a segunda e terceira ida a Xapuri a fim de cobrir os julgamentos dos culpados, em 1990, e “Quinze anos depois”, parte da obra que relembra os personagens e lugares pelos quais o jornalista passou depois de Chico Mendes ter sido assassinado.

A série “O Acre de Chico Mendes” conquistou ainda os Prêmios Esso de Jornalismo e Vladimir Herzog de Reportagem. No entanto, para o autor, a maior recompensa foi a de “conhecer a riqueza de uma terra e o caráter de uma brava gente que Chico Mendes chamava cheio de orgulho de Povos da Floresta, que ele defendeu até a morte”<sup>21</sup>.

“Será que o Zuenir pode ir até lá contar o que está acontecendo?”<sup>22</sup>. Quando o então diretor de redação Flávio Pinheiro, escalou o repórter para realizar as reportagens, queria alguém com “um olhar menos engajado ou comprometido para dar conta do que se passava no Acre logo depois da morte de Chico Mendes” (VENTURA, 2005, p.9). É a partir daí que o jornalista de mais de trinta anos de profissão, munido de gravador, máquina fotográfica, bloco de papel e caneta, ao modo mais

---

<sup>20</sup> (LIMA, 2004, p.33-34)

<sup>21</sup> (VENTURA, 2005, p.12)

<sup>22</sup> (CORRÊA in: VENTURA, 2005, p.239)



romântico de se fazer jornalismo, sai em busca de personagens que pudessem contar a história de Chico Mendes, ao acompanhar as investigações do crime e o castigo a ser aplicado aos culpados.

Para Zuenir Ventura se tornou impossível manter-se distante da imagem de uma figura lendária, como Chico Mendes, ou “um verdadeiro líder”, como preferiu chamar. “Entregando-se aos mosquitos do Acre”, o repórter foi acompanhar de perto as versões contraditórias, fontes suspeitas, diversas opiniões e um bombardeamento de informações vazias. Quando voltou à redação, tinha em mãos o resultado de “um modelo de cobertura jornalística que, sem ter uma linha de isenção, conseguia mostrar todos os lados da história que, no fundo, tinha um lado só”<sup>23</sup>.

Zuenir vai apurando os fatos e, cada vez que consegue uma nova informação, se vê completamente envolvido pela reportagem. O livro, assim, não é somente uma série de reportagens sobre os acontecimentos que conflagraram o caso Chico Mendes, desde seu assassinato até a condenação de Darli e Darcy Alves da Silva. Mas se mostra também como o retrato marcante de uma experiência profissional do velho repórter, que enfiou - literalmente - os “pés na lama”, em busca de informações que chegassem até a verdadeira história da morte do seringueiro.

“Crime e castigo” é uma obra que engaja o leitor no contexto e provoca até uma admiração por Chico Mendes, sentimento visivelmente compartilhado com o próprio jornalista. A trama é tensa, movimentada, rápida, onde um acontecimento acompanha o outro e cada nova aventura se torna um incentivo para seguir junto com o narrador à procura de respostas que derrubem a obscuridade do caso. A proposta de Zuenir Ventura é costurar através do seu relato como repórter todas essas informações e chegar até a causa da emboscada em que Chico Mendes foi vítima.

A temática está ligada ao contemporâneo, antenada com o contexto atual. A reportagem retrata a memória de um caso que marcou o país e ganha ainda uma atualização por parte do repórter. É o relato detalhado e aprofundado de Zuenir Ventura, que não deixa a notícia se perder no tempo, como mostra o prefácio escrito pelo também jornalista Marcos Sá Corrêa: “é pela sua amazônica profusão de detalhes que às reportagens sobreviveram à notícia”<sup>24</sup>. A proposta noticiosa do livro-reportagem está em converter a experiência do repórter em um objeto de documentação, que revela a memória que abarca o crime e a punição no caso Chico Mendes, ao mesmo tempo em que evidencia qual foi a sua luta, o porquê da morte do personagem e a dimensão desse herói amazonense para o país.

Estar dentro dos acontecimentos parece ser uma maneira de aprofundar discordâncias e investigá-las com mais propriedade. Em “Crime e castigo”, fica difícil discernir se é mais interessante a história de Chico Mendes ou a maneira como Zuenir a conta. A predisposição literária e a apuração jornalística se misturam, delineando uma narrativa que transporta o leitor para a selva Amazônica, não

---

<sup>23</sup> (CORRÊA in: VENTURA, 2005, p.239)

<sup>24</sup> (CORRÊA in: VENTURA, 2005, p.241)

como uma mata selvagem, desabitada, inerte, mas, como a chave para o desenvolvimento da região Norte e da adoção das políticas ambientais vistas hoje no país. É uma obra conjuntural que defende a Amazônia, a memória das ações resistentes de Chico Mendes e a justiça, tendo em vista o caráter humano, heróico e ideológico que cercou a vida e morte do líder seringueiro.

É a atividade jornalística que media e caracteriza a narrativa da obra. Por isso, a história toda se concentra nas mãos do repórter ávido por informações que possam esclarecer as controvérsias do caso da morte de Chico Mendes. Ele questiona, informa, reage, opina.

- Cá pra nós...
- Isso aí que o senhor tá me dizendo, por exemplo, não entendo.
- Veio gente de São Paulo, técnicos para fazer a reconstituição. Para ver se o Darci conhecia mesmo o terreno, eles insistiam, e ele conhecia: “Foi daqui, atirei daqui...”.
- Isso aí dele conhecer o terreno não quer dizer nada, não, porque ele morou em Xapuri, estudou em Xapuri...
- O terreno que eu digo é o local do crime.
- Isso aí eu não entendo, não sei, porque eu não vi o processo dele, o depoimento dele eu não vi, só vi falando pelo jornal.
- Eu também não vi o depoimento, mas li a reconstituição<sup>25</sup>.

Tendo a inserção escancarada do jornalista na história como uma referência, o livro-reportagem analisado usa, abusa e aproveita as técnicas e procedimentos de liberdade e extensão, como uma forma de garantir seu trânsito pela narrativa e controle total sob o enredo. Os recursos usados por Tom Wolfe e elucidados por Edvaldo Pereira Lima ganham a estrutura da narrativa e permeiam a predisposição jornalística e literária da obra.

Ao radicalizar paradigmas como Wolfe, Zuenir Ventura usa exageradamente a descrição detalhada. Gestos, ações, elementos que parecem não tão relevantes, como o lado para que a porta da casa de Chico Mendes abria, demonstram lá na frente sua importância e não se perdem durante a história:

Se a porta da cozinha não abrisse da esquerda para a direita, mas ao contrário, o pistoleiro teria o seu trabalho dificultado. O alvo não se apresentaria tão visível nem tão iluminado de trás por aquele corredor de luz. Com o trabalho facilitado por esse acaso que desconhecia, Darci não precisou conferir o serviço. “Disparei a arma e saí correndo”. Sessenta grãos de chumbo haviam atingido o corpo de Chico – dois atingiram a porta e uns outros poucos se dispersaram<sup>26</sup>.

A construção cena-a-cena também é uma característica relevante que interage com o leitor e o coloca em mesma sintonia com o personagem que aciona aquele acontecimento.

---

<sup>25</sup> (VENTURA, 2005, p.150-151)

<sup>26</sup> (VENTURA, 2005, p.19)



Acabada a entrevista, seu Antônio me chamou para ver a casa de farinha e o paiol, onde havia dezenas de espigas de milho empilhadas como se empilham garrafas. Aos quarenta anos, parecia muito mais velho. Ele tem o braço direito paralisado por causa de uma injeção, e um pouco mais de malícia do que a mulher. Me chamara ali para o que só muito vagamente percebi ser uma reclamação. D. Eunice não podia dar entrevista, o dr. Valadão recomendara muito: “se aparecer jornalista, dá meu cartão e diz para me procurar”. Eles haviam confundido o jornalista: com bolsa, máquina, gravador, óculos, acharam que era um marreteiro, aqueles vendedores que percorrem a floresta pelos rios. Além do mais - ele é que estava me pedindo desculpas - , d. Eunice não sabia de nada:

- O senhor compreende, ela é muito boba.

Nesse momento peguei quatro pacotes grandes de biscoito, a lata de sardinha, a de salsicha, as garrafas d’ água, enfim, todos os mantimentos para cerca de seis horas de expedição, dei tudo para as cinco crianças em volta, que vibraram como se fosse uma loteria. Quem não achou muita graça foi seu Carlos Freire, o barqueiro.

Quando voltei à casa para me despedir, depois desse gesto que parecia uma caridade, mas na verdade era de expiação, d. Eunice tomou pela primeira vez a iniciativa da palavra:

- O senhor tá vexado?

Quis responder que estava vexadíssimo, morrendo de vergonha, mas a pergunta não significava o que significa para nós do Sul. D. Eunice, coitada não era capaz de uma ironia. Notando minha indecisão, seu Carlos veio em socorro:

- Ele tá sim, Eunice, porque ele ainda vai hoje para Rio Branco.

Compreendi então que ela quis dizer mais ou menos isso: “o senhor está com pressa? Fica mais um pouco”.

Aquela mulher, outrora bonita, talvez, que não conseguia mais rir, estava agradecida pelo presente aos filhos – e eu arrasado de culpa. Tinha invadido uma choupana e extorquido coisas que não tinha o direito de retirar daquela alma pura e daquela casa ingênua, onde a malícia não costuma entrar. Naquela hora, eu dava tudo para ser um marreteiro<sup>27</sup>.

Outra estratégia usada muitas vezes com propriedade pelo autor, seguindo a expressão jornalística de Wolfe, era a descrição dos diálogos, apesar de haver também muitas falas reproduzidas por meio de aspas, algo que lembra o texto jornalístico mais tradicional. No entanto, a prevalência era mesmo a reprodução do diálogo, principalmente nos casos de entrevista e conversas informais com os personagens da história.

Diálogo com seu Aécio Silva, que seria o dono de um barco para alugar:

---

<sup>27</sup> (VENTURA, 2005, p.53-54)



- O senhor teria um barco com motor para me levar com urgência ao seringal Nova Esperança?
- Teria.
- Que bom! Quanto custa?
- Mas eu não tenho, vendi meu barco ontem.
- Mas o senhor disse que tinha!
- O senhor *num* perguntou se eu tinha, perguntou se eu teria. Eu disse que teria, *num* tenho.

Me senti em Portugal<sup>28</sup>.

Um recurso que não é utilizado com tanta ênfase é o fluxo de consciência, como se o autor não quisesse partir pelo lado subjetivo da mente de seus personagens, mas sim pelo o que havia de concreto, o que fora dito realmente por eles. Porém, algumas vezes é perceptível o fluxo de consciência do próprio jornalista. Nesse caso, ele dá mesmo vazão ao que sua mente tem a dizer ou a deduzir:

Trabalho maior teríamos para descobrir por que aquela alma aparentemente sem ego, onde a vaidade parecia nunca ter entrado, resolvera oxigenar os cabelos. Não era para ficar bonito nem para imitar algum surfista de televisão – irritou-se com a hipótese. Por que então? Era um artilho do ingênuo e apavorado Genésio. Ele achava que assim ficaria irreconhecível<sup>29</sup>.

Já os procedimentos de extensão pela pauta, complementação pela captação e fruição pelo texto ganham uma dimensão impressionante em “Crime e castigo”, onde é possível perceber a presença assídua de todas essas técnicas e alternativas de se fazer jornalismo com literatura. Na extensão pela pauta, a temática do livro deixa claro os desdobramentos que ficam para a contemporaneidade e uma mensagem de que se é preciso dar continuidade ao que Chico Mendes começara no Acre:

Pregado na parede da Fundação há um texto de Chico Mendes imaginando-se no dia 6 de setembro de 2120, quando estaria sendo comemorado o centenário da suposta revolução socialista que teria unido “todos os povos do planeta num só ideal e num só pensamento”. A mensagem – “atenção jovem do futuro” – termina confessando que o autor teve “muito prazer em ter sonhado” esses acontecimentos que não chegou a viver.

Chico Mendes gostava de aprender – talvez para ir à forra dos vinte anos em que foi analfabeto – e era chegado a previsões, como a de sua morte, por exemplo. Mas talvez tenha errado uma. Na sua última entrevista ao jornalista Edílson Martins, ele estava certo de que ia morrer em vão. “Se descesse um enviado dos céus e me garantisse que minha morte iria fortalecer a nossa luta, até que valeria a pena. Mas a experiência nos ensina o contrário. Então eu quero viver. Ato público e enterro numeroso não salvarão a Amazônia. Quero viver”<sup>30</sup>.

---

<sup>28</sup> (VENTURA, 2005, p. 113)

<sup>29</sup> (VENTURA, 2005, p.27)

<sup>30</sup> (VENTURA, 2005, p.225)

Contextualização e profundidade circunscrevem a realidade ao permitir que o repórter desbrave, junto com a história, a Floresta Amazônica, a vida, luta política, crime e castigo que compõem o mito que se tornou Chico Mendes. Zuenir transita com flexibilidade, controle e visão apurativa nessas questões, a partir de um pensamento desencadeado pela narrativa do acontecimento. O processo de busca por informações justifica até o objetivo da reportagem e se concretiza no eixo temático da história, afinal, o livro é fruto desse processo apurativo do repórter. As entrevistas credibilizam os acontecimentos descritos e constroem uma visão pluridimensional e simultânea de uma mesma realidade, que está dividida em dois lados: o campo daqueles que defendem as idéias de Chico Mendes e do outro, os culpados por não deixar que Chico estivesse vivo para ver o que era sonho deixar de ser utopia. Não fica difícil adivinhar o lado que Zuenir escolhe:

Já no fim da entrevista, achei que poderia pegar o moleque pelo pé. Virei-me para o velho e disse:

- Seu Darly: Alicio Dias de Oliveira depôs afirmando que Oloci disse a ele que o senhor era mandante do crime.
- Antes que o pai antecipasse a resposta, coloquei a mão no seu ombro, “espera, por favor”, e me virei para a frente:
- O que você diz disso, Oloci?

Ele deu meio que um sorriso safado, botou o cigarro no canto da boca e com o dedo indicador esquerdo apontou para o próprio peito, enquanto balançava o indicador direito virado para cima como um pêndulo invertido. Através dessa mímica que evitava o gravador, era como se ele dissesse:

- Pra cima de mim, não, cara<sup>31</sup>.

É justamente do “lado do bem” que o repórter fica e nesse sentido direciona o processo de captação a dar voz a esses personagens, vinculando, é claro, sua participação ativa como repórter. No entanto, os “vilões” não deixam de ser ouvidos, mas não há espaço para que eles se defendem, ou possam ser vistos com um olhar de redenção. Os fatos, personagens e o próprio narrador, já os condenaram:

- É aquele negócio, isso saiu no jornal, é uma injúria. É esse negócio que o Genésio falou. Ele falou que lá em casa passou o doutor João Branco. João Branco nunca foi na fazenda nem pra comprar boi, nem pra comprar galinha, nem pra comprar nada. Se ele falar que passou ele mentiu.
- O senhor está sendo acusado de ser mandante, não é isso?
- Eu *num* considero nem ser acusado. É só ouvi falar, não tem nenhuma pessoa que me acusa.
- Ah, isso tem<sup>32</sup>.

---

<sup>31</sup> (VENTURA, 2005, p.143-144)

<sup>32</sup> (VENTURA, 2005, p.148)

O enfoque se dá, sobretudo, na percepção do jornalista que se transforma na base de captação e construção do relato, além de inserir o leitor no universo reportado, através dessa proximidade intensa e participante dentro dos fatos que permeiam a história. Dentro do texto, o enfoque experimenta uma ação frutiva que transita entre a narração, descrição, exposição e diálogo, amplamente misturados dentro do livro-reportagem. Da mesma forma que Zuenir narra determinado fato, ele expõe suas nuances e descreve os detalhes que são pertinentes ao envolvimento do leitor com a cena.

Uma noite, pouco depois do final do Encontro, numa mesa de Caxinawá, um badalado bar do Baixo Leblon de Rio Branco, o americano Steve Schwartzman, do Environmental Defense Fund, uma entidade ambiental, contava como ele próprio estava sendo assediado pelos produtores patricios com tentações como esta:

- Estamos pensando para o seu papel em convidar Dustin Hoffman, o que você acha?

A antropóloga Mary Helena Allegretti, amiga e colaboradora de Chico Mendes, também recebeu semelhante insinuação:

- O seu papel tem ser feito por Sigourney Weaver (a antropóloga de *Nas montanhas dos gorilas*).

Se estão fazendo isso com as pessoas que sabem se defender, o que dirá com os seringueiros?<sup>33</sup>

Desse modo, o texto flui bem “ao estilo Zuenir”: envolvente, atento aos detalhes, irônico e apaixonado pela reportagem a qual se entrega:

Descendo o lermo e barrento rio Acre naquela tarde cheia de sol e mosquitos, eu continuava admirando Chico Mendes, mantinha minha simpatia por Ilzamar, mas torcia por d. Eunice. Torcia para ela ganhara causa e uma grande intérprete no filme.

Eu voto em Betty Faria<sup>34</sup>.

A obra de Zuenir Ventura incita, assim, que as pessoas não deixem que o trabalho de Chico Mendes seja esquecido com o passar dos tempos, que sua morte não tenha sido em vão. Chama atenção para as dúvidas que ainda cercam o caso, deixando claro que a história segue seu curso, não termina naquele livro. Em analogia ao seu faro apurativo de repórter, se a velha máxima da notícia é “o homem que mordeu o cachorro”, para um repórter como Zuenir, nesse caso, poderíamos dizer que ele deixa implícito na obra, que “em briga de cachorro pequeno há sempre um cachorro grande sendo defendido”.

---

<sup>33</sup> (VENTURA, 2005, p.34)

<sup>34</sup> (VENTURA, 2005, p.56)



A reportagem, que transita entre o romance policial e a condição política da história, trata com intimidade a floresta enquanto cenário de dramas sociais, ecológicos e humanos, dotada do que há de mais intenso na relação entre jornalismo e literatura. Um repórter “à moda antiga” que conta uma história real, sem linha de isenção ou qualquer outra amarra da prática jornalística comum. “Crime e castigo” reporta a morte, mas dá um sentido a vida de Chico Mendes, como uma obra de grande importância para servir de levante aos ideais do líder seringueiro.

### **Considerações Finais**

Ao analisar essa inserção do repórter na narrativa, fica claro que o jornalista tem muito a contribuir com suas impressões sobre determinado fato, nos livros-reportagem onde ocorre a presença deste tipo de narrador. As condições narrativas diversificadas para se reportar um fato da vida real transformado em enredo, perante a interferência desse narrador na história que conta, potencializa a importância e dimensão da obra, ao compartilhar idéias, retratar a memória e contextualizar acontecimentos acelerando a história com seu olhar ao adentrar a fundo a estrutura narrativa.

O livro remonta um contexto com cara de literatura e jeito de jornalismo. Zuenir Ventura se mostra como um narrador que não possui apenas importância literária, mas, principalmente, uma relevância enquanto um alguém que acompanha de perto o que relata, a partir de um ponto de vista que mistura os fatos à sua experiência de repórter.

Entre personagens, enredo, fatos, clímax e tensão, no que diz respeito ao hibridismo presente no jornalismo literário, a pesquisa demarca seu espaço na inter-relação e inserção do jornalista nesse contexto, frente à elementos que costumam compor uma obra de ficção, trazendo consigo suas impressões de realidade. Tal estudo permite ainda, incitar uma discussão à cerca da infinidade de possibilidades narrativas, que podem conduzir a prática jornalística a uma esfera ainda mais instigante e sedutora aos olhos do leitor, frente à busca de meios que possam revigorar o gênero reportagem. Gênero este, que anda sendo diluído pela disputa entre a produção massiva e imediata de notícias e o caráter contextualizado da compreensão do episódio, como propõe a reportagem.

Diante da análise feita durante o processo, o presente trabalho contribui com os estudos da área, ao fomentar a participação do jornalista na história e o estudo do livro-reportagem como o veículo onde o profissional pode encontrar espaço para desenvolver aquilo que a mídia convencional costuma se manter indiferente. O suporte serve ainda para deixar fluir o lado escritor do jornalista, sua vertente mais literária, sem perder de vista a verossimilhança dos fatos, muito menos o contato com a realidade, a que



este tem o compromisso de reportar. Desmistificar, assim, a velha idéia de que o “era uma vez” não cabe no jornalismo.

O trabalho desenvolvido viabiliza também, a preocupação com a dimensão teórica e analítica desse tipo de obra, servindo de instrumento para que outros estudos possam ser desenvolvidos nessa linha de pesquisa. Por ser um tema abrangente, que necessita ainda de uma análise mais aprofundada das variadas maneiras de se perceber essa inserção do jornalista na história - visto que estudamos apenas uma das formas – o trabalho sugere o interesse por essa maneira de reportar, através do jornalismo literário. Enfim, a pesquisa indica caminhos de como a reportagem pode redefinir seus contornos norteadores, envolvendo nisso, a participação do jornalista na construção do relato e desenvolvimento da história, tendo como alicerce o livro-reportagem e sua condição jornalístico-literária.

Seja como participante da cena, ou também como uma espécie de “estrategista” que experimenta narrativamente os procedimentos de liberdade e extensão para se contar um fato que acabou se transformando em história, ao ganhar as páginas de livro. Há várias realidades se coexistindo durante a caracterização e criação do personagem, dentre elas, a do jornalista. Tal compreensão não se trata, contudo, de banir a objetividade e a imparcialidade da prática jornalística diante da inserção do repórter no relato direto da história. É preciso, assim, complementar o jornalismo cotidiano a partir de uma captação diferenciada, com base num processo mais criativo e abrangente no sentido de ampliar a interação entre o repórter e a percepção do real.

### **Referências Bibliográficas**

BELO, Eduardo. Livro-reportagem. São Paulo: Contexto, 2006.

\_\_\_\_\_. Páginas Ampliadas: O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. Edição Revisada e Atualizada. São Paulo: Manole, 2004.

VENTURA, Zuenir. Chico Mendes: Crime e Castigo. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

WOLFE, Tom. Radical Chique e o Novo Jornalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.